

Produções cinematográficas como recurso educativo no ensino de roteiros audiovisuais

RESUMO

O objetivo é analisar produções cinematográficas que subsidiam a educação nas áreas de Cinema e Audiovisual, com ênfase em roteiros. Os objetivos específicos são: buscar por representações de práticas de roteiros adaptados no filme *Adaptação* (2002, Spike Jonze); analisar fatores de composição de personagem em roteiro a partir do protagonista do filme *Filadélfia* (1993, Jonathan Demme); e refletir sobre propostas educativas de como cada filme pode subsidiar o ensino de roteiro. O principal resultado é a constatação de que a prática de ensino de roteiros, a partir de outros roteiros, é uma questão essencial para incentivar discussões e aprofundar os estudos. Os filmes aqui analisados ampliam também a sua aplicabilidade em sala de aula em diferentes contextos educacionais, ao exemplificar alguns cenários sociais como os impactos da epidemia da AIDS nos anos de 1980/1990 ao da profissão de um produtor de audiovisual.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Cinema. Roteiro. Audiovisual. Ensino.

Rafael José Bona
Universidade do Vale do Itajaí
(Univali), Itajaí, Santa Catarina,
Brasil
bona.professor@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os filmes cinematográficos são excelentes sistemas simbólicos que podem gerar diversos significados e, no contexto escolar, têm papel de grande relevância por sua amplitude ao discutir diferentes representações da cultura e da sociedade, conforme Viana, Rosa e Orey (2014). Ao fazer um levantamento bibliográfico da produção científica sobre cinema e educação, Almeida (2017), aponta uma questão positiva em relação aos vários vieses abordados nas pesquisas devido a pluralidade dos estudos e as diferentes interpretações que o cinema pode significar na sala de aula. Algumas das pesquisas, segundo o autor, validam filmes hollywoodianos, mesmo com importâncias mercadológicas, ao contemplarem diferentes olhares e possibilidades de leituras.

A partir de observação empírica, constatou-se que o ensino do conteúdo de roteiro em cursos como os de Cinema e de Produção Audiovisual, têm se pautado, a partir de levantamento das referências bibliográficas, em obras técnicas clássicas para ensinar roteiro de autores como: Syd Field (2001), Robert McKee (2006), Doc Comparato (2018), entre outros. Todos esses autores utilizam como exemplos narrativas de filmes cinematográficos para ensinar a prática da escrita e concepção de roteiros audiovisuais. Assim, ao trazermos de exemplos outras obras importantes do cinema como *Filadélfia* (1993, Jonathan Demme) e *Adaptação* (2002, Spike Jonze) é possível perceber conteúdos que podem auxiliar em práticas de ensino de roteiros e criar discussões pertinentes a partir de duas vertentes de conteúdo: a construção de personagem e as técnicas de adaptação que são essenciais para fundamentar algumas aulas de roteiro.

Apesar de muitas pesquisas apontarem a utilização do cinema em sala de aula como forma de ensinar e aprender (Duarte, 2002; Napolitano, 2004; Almeida, 2017), indagou-se de que forma, alguns cursos superiores das áreas de Cinema e Audiovisual, que tem como objetivo principal formar produtores e críticos, se utilizam do próprio cinema como subsídio pedagógico. Assim, surgiram os seguintes questionamentos, relacionados às possibilidades de ensino de roteiro a partir de duas obras cinematográficas: o filme *Filadélfia* e suas peculiaridades em relação a construção e evolução do protagonista; e *Adaptação* e a relação com o ensino de técnicas de roteiro adaptado.

Por meio da problemática exposta, o objetivo geral deste artigo é o de analisar produções cinematográficas que subsidiam a educação nas áreas de Cinema e Audiovisual, com ênfase em roteiros. Os objetivos específicos são: (i) buscar por representações de práticas de roteiros adaptados no filme *Adaptação*; (ii) analisar fatores de composição de personagem em roteiro a partir do protagonista do filme *Filadélfia*; (iii) refletir sobre propostas educativas de como cada filme pode subsidiar o ensino de roteiro.

CINEMA E EDUCAÇÃO

A utilização de mídia na sala de aula tem sido empregada por muitas escolas por ser um recurso que facilita a atividade docente. Isso torna o exercício como um fator signficante sobre o reconhecimento da mídia no contexto educacional. Essa prática precisa avançar para que possa existir reflexões qualificadas,

contextualizadas e sistematizadas do cenário social. Na era midiaticizada é necessário que a educação seja pensada numa perspectiva comunicativa, numa produção de conhecimento e que saiba lidar com os diferentes processos comunicacionais que existem na sociedade. Tanto os estudantes quanto os professores estão tocados por múltiplas plataformas. A própria escola, na maioria das vezes, possui recursos que facilitam a interação da mídia com a educação no processo de ensino e aprendizagem (Melo; Tosta, 2008).

O cinema, quando utilizado como mídia educacional, pode ser enriquecedor nesse sentido. Para que uma atividade com cinema em sala seja bem-sucedida, é importante que o professor assista ao filme e estude-o antes de exibi-lo. Seja para expor o filme completo ou apenas trechos dele. É necessário pesquisar dados importantes acerca da obra audiovisual, além de elaborar um roteiro de discussão com os estudantes para colocar em evidências o que se deseja pontuar com aquela atividade em questão (Duarte, 2002).

Toda obra audiovisual como recurso educacional segundo Silva, Silva e Almeida (2017, p. 261), “precisa ser utilizada com a devida prudência, com o objetivo e responsabilidade intelectual, sua utilização não deve ser de forma aleatória, mas sim com planejamento e articulação com os conteúdos disciplinares”.

Nesse sentido, para auxiliar professores na seleção de um filme para ser utilizado em sala de aula, Napolitano (2004), faz alguns apontamentos que auxiliam a escolha que estão relacionados aos objetivos didático-pedagógicos da atividade e do filme. É importante saber se a obra se adequa a faixa etária dos estudantes, se deve ser exibido apenas algumas de suas cenas, as mais pontuais, ou o filme por completo. O autor ainda comenta que: “trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte” (id., p. 11).

Apesar de ainda haver uma certa resistência por parte dos atores sociais em ver o cinema como recurso didático pelo fato das produções audiovisuais serem como espetáculos do entretenimento, muitos docentes utilizam o cinema apenas como uma ilustração pedagógica. De fato, o cinema em sala de aula, por vezes, não é explorado da forma que se deveria. Conforme relata Duarte (2002, p. 17), “ver filmes, é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”.

Para Napolitano (2004, p. 11), “dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e ‘difíceis’, os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar”. É importante que o educador saiba analisar e selecionar as cenas mais relevantes da obra fílmica para relacionar com o conteúdo ministrado. A partir disso, será possível aproveitar em sua totalidade o recurso cinematográfico para ilustrar os conteúdos que estão sendo expostos nas aulas.

Toda atividade que relaciona o cinema e a educação está, quase sempre, atrelada a um determinado conhecimento curricular. E é importante saber que, assim como as demais linguagens, a linguagem cinematográfica pode oferecer muitas possibilidades (Fusari, 2009). Dessa forma, se torna importante o conhecimento básico da linguagem cinematográfica por parte do professor pois, conforme Napolitano (2004, p. 57), “boa parte dos valores e das mensagens transmitidas pelos filmes a que assistimos se efetiva não tanto pela história contada em si, e sim pela forma de contá-la”. Para Duarte (2002, p. 90), “o cinema

é um instrumento precioso, por exemplo, para ensinar o respeito aos valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas”.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa se classifica como documental e descritiva, de abordagem qualitativa e que utiliza a técnica de análise fílmica na perspectiva de análise de conteúdo por meio dos conceitos abordados por Penafria (2009). Segundo a autora, analisar um filme é o mesmo que decompô-lo. Não há uma metodologia unificada para analisar uma obra cinematográfica, mas é importante decompor/descrever as imagens da obra para, em seguida, interpretá-las de acordo com o objetivo da proposta. A análise de filmes é uma atividade importante pois, a partir dela é possível verificar e avaliar de forma efetiva qual a relação de um filme com outro, suas especificidades e semelhanças. Penafria complementa que:

[...] a análise de filmes é uma actividade fundamental - e diríamos urgente - nos discursos sobre cinema. Apenas pela análise será possível verificar e avaliar, efectivamente, os filmes naquilo que têm de específico ou de semelhante em relação a outros. Mas, a análise de filmes não é apenas uma actividade a partir da qual é possível ver mais e melhor o cinema, pela análise também se pode aprender a fazer cinema (Penafria, 2009, p. 9).

Analisar um filme, para Vanoye e Goliot-Lété (2012), é também situar a obra no contexto em que ela foi concebida, isso deve-se por questões históricas ou até mesmo por suas formas de produção e linguagem fílmicas. O filme deve ser compreendido como um objeto e não é necessário gostar dele para ser analisado. Os autores ainda complementam que:

Um filme é um produto cultural inscrito em um determinado contexto sócio-histórico. Embora o cinema usufrua de relativa autonomia como arte (com relação a outros produtos culturais como a televisão ou a imprensa), os filmes poderiam ser isolados dos outros setores de atividade da sociedade que os produz (quer se trate da economia, quer da política, das ciências e das técnicas, quer, é claro, das outras artes). (Vanoye; Goliot-Lété, 2012, p. 51).

Os filmes selecionados para compor o presente estudo são: *Filadélfia* (1993) e *Adaptação* (2002). Os critérios utilizados para a escolha dos dois objetos se deram de forma não probabilística por julgamento por parte do pesquisador, de forma intencional, por já trabalhar com esses filmes no ensino de redação audiovisual nos cursos de graduação.

Adaptação (Estados Unidos) é um filme sobre o roteirista Charlie Kaufman (Nicolas Cage), que precisa adaptar um livro chamado *O ladrão de orquídeas*, de Susan Orlean (Meryl Streep), para os cinemas. Além de lidar com diferentes problemas de Charlie, que possui um irmão gêmeo chamado Donald, a narrativa aborda as dificuldades de adaptar livros para roteiros cinematográficos. O filme chegou a ser indicado para quatro prêmios Oscar (*Academy Awards*): melhor ator, atriz coadjuvante, roteiro adaptado e melhor ator coadjuvante (Chris Cooper), categoria no qual foi vencedor, em 2003. Sobre o filme, Vasques (2018), diz que:

É impossível não pensar no longa a partir de uma lógica de conjuntos dentro de conjuntos. Neste caso, de roteiros dentro de roteiros. Isto porque trata-se de um filme sobre a escrita de um filme baseado em um livro. Livro cuja autora, em toda sua intimidade, é contemplada tanto no roteiro do “Kaufman fictício”, quanto no resultado real, que se vê na tela. Tantas narrativas dentro de narrativas permitem que Charlie Kaufman (o original) desenvolva diferentes universos, a começar pelo seu próprio. (Vasques, 2018, s/p.).

O filme *Filadélfia* (Estados Unidos) conta a história de Andrew Beckett (Tom Hanks), um advogado que trabalha numa empresa de advocacia da Filadélfia. Andrew é demitido assim que seus chefes descobrem que ele é portador do HIV e é homossexual. Seu caso é levado até o tribunal com a ajuda de um advogado homofóbico, Miller (Denzel Washington). Esse filme comercial foi um dos primeiros a abordar questões relacionadas a homofobia e a AIDS. Mesmo sendo apresentado como roteiro original (e indicado ao Oscar por isso), o enredo do filme é semelhante a fatos da vida de Geoffrey Bowers que foi demitido de um escritório de advocacia após seu patrão descobrir que ele tinha AIDS. Bowers processou o escritório e ganhou o processo pouco antes de falecer, em 1990. *Filadélfia* é considerado um dos filmes mais importantes da carreira de Tom Hanks e lhe rendeu o Oscar de melhor ator por interpretar Andrew Beckett.

As obras são analisadas sob a perspectiva de duas dimensões didáticas para o ensino de roteiro audiovisual: as práticas de roteiros adaptados (por meio do filme *Adaptação*) e a composição de personagens em roteiro com enfoque no seu protagonista (por meio do filme *Filadélfia*). Essas referidas dimensões foram escolhidas a partir de uma observação empírica do conteúdo narrativo dos respectivos filmes cinematográficos e de como podem contribuir para a educação em redação audiovisual.

Os filmes cinematográficos utilizados como ferramenta pedagógica, segundo Fusari (2009), podem gerar sentidos e significados diversos para cada um dos estudantes e é essencial que o professor possa captar essas possibilidades e dar potencialidades a elas. Ao levarmos em consideração que filmes podem apresentar ilustrações para a aula, esses podem ser um importante objeto para exemplificar diferentes contextos da escrita de roteiros.

ENSINO DE PRÁTICAS SOBRE ROTEIROS ADAPTADOS

As técnicas para a escrita roteiros adaptados são muitas e, quase todas as obras sobre roteiros, se dedicam a discutir essa prática de transpor narrativas para o audiovisual. A ideia central de Field (2001), é que toda adaptação é uma habilidade de adequar mudanças ou ajustes numa outra estrutura, seja por sua função ou sua forma, mas não necessariamente precisa se manter fiel a obra de origem. Comparato (2018), diz que toda adaptação é sempre um processo de recriação em que se exprime um determinado conteúdo para outra linguagem. Entretanto, sempre poderá existir uma limitação criativa e tudo depende do adaptador e do seu conhecimento da obra de origem. Para McKee (2006), o adaptador deve ler a obra original até infundir o espírito da história no roteirista para, depois, começar a criar a coerência da narrativa por meio dos atos e dos personagens.

Toda prática de adaptar uma obra é dificultosa e demanda extensiva pesquisa e imersão no assunto. Quando se aprende a desenvolver roteiros adaptados, o

estudante precisa estar ciente que muitas de suas referências pessoais e culturais acabam influenciando na hora da escrita. Hutcheon (2013), nesse sentido, comenta que toda adaptação faz parte de um processo transcultural no qual se mudam os significados de acordo com o contexto.

Como forma de utilizar um exemplo para ensinar práticas de roteiro, o filme *Adaptação* consegue abordar a temática acerca das dificuldades de um roteirista em adaptar um roteiro sobre um livro que aborda a história verídica de um fornecedor de plantas que faz clones de orquídeas raras para vendê-las. Seger (2007, p. 31), pontua que a experiência de ler um livro é diferente de assistir a um filme, “e é exatamente esta diferença que causa dificuldades para a transformação do livro em filme. Ao lermos um livro, o tempo está a nosso favor”. No cinema não se permite uma experiência reflexiva como o livro e deve ter outro ritmo.

Para exemplificar, selecionamos três cenas significativas que contribuem no ensino de roteiros adaptados. A primeira delas é a cena inicial (que começa na minutagem 00:00 e vai até 03:30). O filme inicia com uma imagem de fundo preto, na qual, narrada em *off*, o personagem principal (o roteirista) começa a relatar sua frustração, expressar suas ideias clichês e, quase o tempo todo, se autodepreciar. No mesmo momento os créditos iniciais do filme passam na tela. Na sequência, Charlie aparece em um *making of* de *Quero ser John Malkovich* (1999, Spike Jonze), um longa-metragem roteirizado por ele (no filme e na vida real). Vasques (2018), complementa que:

Por escrever sobre si mesmo, o roteirista permite-se autodepreciar, se colocando como alguém totalmente sem traquejo social, fora de forma, ansioso, praticamente depressivo. É comum para ele se apequenar em relação ao mundo e contemplar o próprio fracasso. De quebra, Kaufman se dá um irmão gêmeo, Donald (inexistente na vida real). Aspirante a roteirista, Donald prioriza a indústria em detrimento da originalidade, e constrói suas narrativas apoiando-se sobre os maiores clichês do cinema. Dessa forma, apontando a si mesmo como um roteirista descartável, Charlie Kaufman mostra porque é tão diferenciado, e ainda expressa suas visões a respeito dos propósitos da escrita de um roteiro (id., s/p.).

Em determinado momento alguém pede para o personagem sair do quadro, pois estava atrapalhando a filmagem e, logo, Charlie faz uma espécie de argumento que um roteirista é um ser inferior numa produção. Essa cena possibilita uma reflexão sobre o papel de um roteirista (a visão que ele tem de si, mas também a visão que as demais pessoas têm dele).

Pelo ponto de conexão com outro filme do roteirista do filme (Charlie Kaufman), que neste é interpretado pelo ator Nicolas Cage, pode ser despertado o interesse para assistir ao filme mencionado com John Malkovich. Dessa forma, corrobora-se com Duarte (2002), quando argumenta que a questão sobre a prática de ver filmes se torna importante para a formação cultural e educacional. Assim, nesse caso, faz o estudante de roteiro procurar mais argumentos criativos a partir de outra obra que é mencionada no filme. Em suma, quanto mais se buscar informações da origem, mais completa e mais direcionada será uma adaptação.

A segunda cena selecionada se inicia aos 10 minutos e vai até 12:30. É o momento em que Charlie chega em casa e encontra seu irmão gêmeo (Donald), uma espécie de alter ego. Charlie comenta com o irmão que não está conseguindo adaptar um livro de flores para um filme e Donald o incentiva a fazer o curso de

roteiro de Robert Mckee (o mesmo autor que é bastante utilizado nas escolas de cinema e roteiro).

Charlie diz que não irá para o curso, pois esses professores não estimulam os estudantes a fazerem algo original e que não existem regras para escrever. Donald comenta que existem os princípios, que são os pilares de sustentação de uma narrativa. A cena pode ser utilizada como uma reflexão para se estudar mais a fundo os princípios do roteiro adaptado e questionar também o que é ensinado, assim como as adaptações podem ser feitas.

A terceira cena (minutagem que inicia em 1:03:43 e vai até 1:12:30) é aquela na qual Charlie, depois de muito trabalhar em cima do seu roteiro, em vão, tenta um contato com a escritora do livro, Susan Orlean (Meryl Streep). Mas, sua baixa autoestima e seu medo não deixam ele se aproximar dela. Até que ele resolve ir ao curso de Robert Mckee (interpretado pelo ator Brian Cox). No curso, ele começa a prestar atenção nos ensinamentos de Mckee, até que em determinado momento, Charlie, que até então, quase sempre demonstrava seus pensamentos por meio de *voice-over*, chega à conclusão que irá embora e reiniciará o projeto e logo se levanta. No mesmo momento, Mckee diz: “*que Deus os salvem se usarem voice-over, colegas! É um recurso frouxo e patético. Qualquer idiota usa narração para mostrar as ideias do personagem*”. No livro de Mckee (2006), o autor relata que não se deve usar narração para explicar a história, ela precisa ser contada de forma audiovisual.

Charlie volta a se sentar e a ouvir Mckee. A partir de então, o filme começa a ter um outro direcionamento e não é mais utilizada narração para mostrar as ideias. Charlie pergunta ao professor o que ele deve fazer quando se tem uma história na qual nada acontece e os personagens não são interessantes como no “mundo real”. Mckee começa a dizer que todo roteiro precisa de conflitos, caso contrário o público ficará entediado.

Na sequência, com voz mais alterada, Mckee questiona sobre o mundo real, todas as coisas que acontecem no dia a dia, e que se Charlie não consegue perceber todas as coisas que acontecem na realidade é porque ele não entende nada da vida. Na sequência, ao final do curso, Charlie aborda o professor e ambos vão até um bar para conversar. Charlie explica a história para ele e o personagem Mckee, assim como é relatado no livro de Mckee (2006), diz que Charlie precisa inserir drama e surpreender a plateia no final, sem utilizar enganações como o clássico *Deus ex-machina*, e seus personagens precisam mudar conforme a história se desenrola

Ao final da cena, quando Mckee se despede de Charlie, ele comenta que teve a impressão de já ter visto Charlie em algum curso, e ele responde que foi seu irmão gêmeo. Mckee fala: “*irmãos gêmeos roteiristas, igual Julius e Philip Epstein, os roteiristas de Casablanca, o melhor roteiro já escrito*”. Novamente, o roteiro de outro filme é citado (que também é citado no livro de Mckee), assim como, fica mais compreensível a presença de Donald na história. A partir de então, Charlie consegue terminar o seu roteiro. Vasques (2018, s/p.), argumenta, em relação ao filme, que: o “roteiro é de complexidade tamanha, que serve como desabafo, crítica à indústria cultural e até mesmo um postulado de princípios de escrita para cinema. O filme é uma aula de metalinguagem [...]”.

Além de práticas de adaptação, esse filme contribui para exemplificar, em aulas, o contexto da profissão do produtor de audiovisual, sobre a vida de um roteirista, do processo de produção de roteiro desde a ideia inicial até a sua conclusão, os bastidores da produção, algumas práticas de metalinguagem etc.

O filme *Casablanca* (1942, Michael Curtiz), além de ser mencionado em *Adaptação*, com certa frequência tem sido apontado como um dos melhores roteiros já escritos; inclusive nas obras de Field (2001) e Mckee (2006). Em 2006, o roteiro de *Casablanca* foi eleito como o melhor de todos os tempos pelo *Writers Guild of America*, o famoso Sindicato dos Roteiristas dos Estados Unidos. Além do Oscar de melhor filme e direção, a obra foi vencedora na categoria de roteiro adaptado (Julius Epstein, Philip Epstein e Howard Koch).

ENSINO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS EM ROTEIROS

O personagem é um dos pilares de um roteiro. A maioria das histórias são elaboradas a partir do contexto dele. Conforme Seger (2006), para construir um bom personagem em roteiro, deve ser feita uma extensa pesquisa para que os contextos nos quais ele se insere e vive, faça sentido e realmente pareça de verdade. É necessário que se pesquise a fundo toda a vida de um personagem, pois o que o público assiste é apenas uma parte de toda a construção do autor. Em *Filadélfia*, temos uma história que se baseia num fato ocorrido na década de 1980, acerca de um advogado homossexual que processou a empresa em que trabalhava e foi despedido por ser portador do HIV.

Tom Hanks, vencedor do Oscar de melhor ator por esse filme, dá vida ao personagem Andrew Beckett que inicia a narrativa já demonstrando ser um advogado de sucesso e que, aos poucos, começa a aparentar com os sintomas da AIDS, uma doença, até então, quase incontrolada nos anos de 1980. Field (2001), expõe que todo personagem precisa ser criado a partir de um contexto e um conteúdo. Andrew Beckett possui características que remetem a um jovem homossexual, com uma carreira promissora como advogado e que é portador do HIV, na Filadélfia dos anos de 1980, nos Estados Unidos; um lugar no qual existe muito preconceito e intolerância com as minorias, principalmente no que se refere a gays. Ainda, segundo Field, um personagem precisa ter características físicas (relacionadas a questões de altura, peso, cor do cabelo etc.), sociais (local no qual se insere, religião, profissão etc.) e psicológicas (seus medos e anseios, frustrações etc.) bem desenvolvidas.

Filadélfia possui dois momentos específicos que podem contribuir no processo de ensino e aprendizagem na construção de personagem em roteiro. Geralmente, o protagonista e os coadjuvante são apresentados nos minutos iniciais de um filme. Os primeiros vinte minutos (00:00 – 00:20) de *Filadélfia* apresentam Andrew e o coadjuvante Joe Miller, um advogado homofóbico que ajudará o protagonista no decorrer do processo. Esses minutos são cruciais para que o estudante entenda o processo de construção de um personagem, quais são suas características físicas, seus medos e a forma como lida com os demais personagens. O filme permite exemplificar a função de um ator coadjuvante no contexto da trama principal. Ribeiro (2020), argumenta que:

Ainda que não seja tão óbvio, o trabalho de Denzel Washington é tão impressionante quanto o de Tom Hanks, apenas mais subtil. Miller representa a sociedade da época, aqueles com tendências homofóbicas que se deixam levar por estereótipos e caricaturas. É, talvez, a personagem com mais desenvolvimento e evolução durante o filme. Os seus olhares e expressões faciais ao longo da convivência com Andrew refletem a desconstrução dos preconceitos e a criação de empatia que progride para amizade (id., s/p.).

A partir do final do ato II e início do III (por volta dos 1:26:40 até 1:44:00) é possível verificar toda a evolução dos dois personagens. Andrew, apesar de já estar magro e debilitado devido a AIDS, se apresenta forte para enfrentar seus problemas; e de outro lado, se vê Joe, que deixou seus preconceitos de lado e defende seu cliente até as últimas consequências. Em suma, conforme relata Mckee (2006), todo personagem de roteiro precisa ter uma evolução, precisa aprender conforme a história avança. *Filadélfia* poderia ser exibido em sua totalidade na sala de aula, entretanto, é importante que o docente verifique a faixa etária indicada do filme.

Por retratar um contexto do início de um impacto social, de quase quatro décadas atrás, que se referia a epidemia da AIDS, o filme pode servir como exemplo em aulas para representação do cenário daquela época em questão, das fases em que um paciente passa durante o enfrentamento da doença etc. Isso amplia sua aplicação educacional em outras esferas de ensino que podem adentrar em áreas desde a da Saúde a da Sociologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo analisar produções cinematográficas com subsídios para a educação no que diz respeito ao ensino de roteiros. Para atingir o resultado, foram analisados dois filmes.

Por meio dos pontos de conexão com demais narrativas, principalmente com a vida do próprio roteirista, *Adaptação* consegue abordar de forma bastante lúdica a prática dos roteiros adaptados: as dificuldades do roteirista, que vão desde o processo de concepção da ideia da adaptação até chegar na versão final. O filme também apresenta o personagem Robert Mckee, que se refere ao respeitado professor do audiovisual mundial.

Filadélfia consegue, por meio do personagem Andrew Beckett, ilustrar as características físicas, sociais e psicológicas, principalmente no ato I e no III do filme, pelo fato de Andrew passar por uma transformação devido ao avanço de sua doença. É possível verificar todo o amadurecimento ao enfrentar os obstáculos impostos no roteiro, principalmente no que diz respeito aos preconceitos e os embates judiciais.

Em suma, o principal resultado desta pesquisa foi a constatação de que a prática no ensino de roteiros, a partir de outros roteiros, é uma questão essencial para incentivar discussões e aprofundar os estudos. Os filmes aqui analisados ampliam também a sua aplicabilidade em sala de aula em diferentes contextos educacionais, ao exemplificar alguns cenários sociais como os impactos da epidemia da AIDS nos anos de 1980/1990 ao da profissão de um produtor de audiovisual.

Film productions as an educational resource in teaching audiovisual screenwriting

ABSTRACT

The objective is to analyze cinematographic productions that subsidize education in the areas of Cinema and Audiovisual, with emphasis on scripts. The specific objectives are: to search for representations of adapted screenplay practices in the movie *Adaptation* (2002, Spike Jonze); to analyze character composition factors in a script based on the protagonist of the film *Philadelphia* (1993, Jonathan Demme); and reflect on educational proposals on how each film can support script teaching. The main result is the realization that the practice of teaching scripts, based on other scripts, is an essential issue to encourage discussions and deepen studies. The films analyzed here also expand their applicability in the classroom in different educational contexts, by exemplifying some social scenarios such as the impacts of the AIDS epidemic in the 1980s/1990s and the profession of an audiovisual producer.

KEYWORDS: Education. Cinema. Script. Audio-visual. Teaching.

REFERÊNCIAS

ADAPTAÇÃO. Direção de Spike Jonze. Estados Unidos: Columbia Pictures, 2002, 115 min.

ALMEIDA, Rogério de. Cinema e educação: fundamentos e perspectivas. **Educação em Revista (UFMG)**, v. 33, p. 1-27, 2017.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro: teoria e prática**. 5ª ed. São Paulo: Summus, 2018.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FILADÉLFIA. Direção de Jonathan Demme. Estados Unidos: TriStar Pictures, 1993, 125 min.

FUSARI, José Cerchi. A linguagem do cinema no currículo do ensino médio: um recurso para o professor. In: Devanil Tozzi. (Org.). **Caderno de cinema do professor**. 1ª ed., v. 2, p. 32-45, São Paulo: FDE, 2009.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. 2ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

MCKEE, Robert. **Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro**. Curitiba: Arte & Letra, 2006.

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia & educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes - conceitos e metodologia(s). In: CONGRESSO SOPCOM, 6., 2009, Lisboa. **Anais [...]**. Lisboa: SOPCOM, p. 1-10, 2009.

RIBEIRO, Filipa. Arquivo | Filadélfia: a justa luta contra o preconceito. **ComUm**, mar. 2020. Disponível em: <http://www.comumonline.com/2020/03/arquivo-filadelfia-a-justa-luta-contr-o-preconceito/>. Acesso em: 26 ago. 2024.

SEGER, Linda. **A arte da adaptação: como transformar fatos e ficção em filme**. São Paulo: Bossa Nova, 2007.

SEGER, Linda. **Como criar personagens inesquecíveis**. São Paulo: Bossa Nova, 2006.

SILVA, Felipe Santos; SILVA, Genilda M.; ALMEIDA, Ricardo S. Cinema e ensino de geografia: o uso do filme Rio 2 em sala de aula – uma proposta didática além das

paisagens. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, n. 14, p. 254-266, jul./dez. 2017.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Trad. Marina Appenzeller. 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

VASQUES, Bernardo. 'Adaptação' é a mais verdadeira demonstração da genialidade de Charlie Kaufman. **Escotilha: cultura, diálogo e informação**. [11 ago. 2018]. Disponível em: <http://www.escotilha.com.br/cinema-tv/central-de-cinema/adaptacao-charlie-kaufman-spike-jonze-critica/>. Acesso em: 15 ago. 2021.

VIANA, Marger da C. V.; ROSA, Milton; OREY, Daniel C. O cinema como uma ferramenta pedagógica na sala de aula: um resgate à diversidade cultural. **Ensino em Re-Vista**, Uberlândia, v. 21, n. 1, p. 137-144, jan./jun. 2014.

Recebido: 16/11/2022

Aprovado: 26/08/2024

DOI: 10.3895/rts.v20n61.16133

Como citar:

BONA, Rafael José. Produções cinematográficas como recurso educativo no ensino de roteiro audiovisual. **Tecnol. Soc.**, Curitiba, v. 20, n. 61, p. 60-71, jul./set., 2024. Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/16133>

Acesso em: XXX.

Correspondência:

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

